

04 FEV 1996

# Semelhanças entre JK e FHC

CORREIO BRAZILIENSE



As semelhanças entre Juscelino Kubitschek e Fernando Henrique Cardoso se encontram no sorriso e na mania de viajar. Juscelino iniciou o seu governo com todos os motivos, razões e possibilidades para transformar sua administração num monumental desastre. Não existia, naquele longínquo 1956, escritórios especializados em desenhar cenários para o futuro de um país. Se existissem, o governo JK seria dado como inevitavelmente perdido.

JK tomou posse um ano e meio depois do suicídio de Getúlio Vargas, um episódio violento, traumático, que machuca e incomoda a história do Brasil até hoje. Sobreviveu aos golpes e contragolpes, militares e civis, e assumiu tendo que enfrentar a revolta de Jacareacanga, a continuação da revolta dos militares da Aeronáutica contra o getulismo. Juscelino não tinha nada a seu favor. Apenas vontade e bom humor.

Mas, ele tinha alguns trunfos na manga. Criou o plano de metas, uma novidade num Brasil provinciano, cartorial, retórico e atrasado. E começou a executá-las com presteza. O presidente bossa nova passou a viajar constantemente para sair dos estreitos limites de Minas, Rio, São Paulo e Rio Grande do Sul. Foi descobrindo o Brasil. Conseguiu que Câmara e Senado, embora localizados no Rio de Janeiro, aprovassem a mudança da capital para Brasília, um local perdido na imensidão do Planalto Central que em breve iria se tornar "o cérebro das grandes decisões nacionais."

Já em 1957, os primeiros arquitetos, engenheiros, advogados e trabalhadores começaram a construir a nova capital, sob uma descrença generalizada. Havia uma fortíssima oposição, comandada por Carlos Lacerda. Seu jornal, *Tribuna da Imprensa*, publicava todos os dias violentos editoriais contra a transferência da capital e, naturalmente, contra Juscelino.

Enquanto os cariocas protestavam, os paulistas ganhavam dinheiro com a construção da Capital. Ao mesmo tempo, a região que hoje se chama ABC (Santo André, São Bernardo e São Caetano) começava a receber inves-

timentos estrangeiros. Uma revoada de empresas correu para se instalar ao redor da cidade de São Paulo.

Surgiu a indústria brasileira. Os velhos calhambeques ingleses, franceses e norte-americanos foram substituídos por carros *made in Brazil*, uma novidade que massageou o ego dos brasileiros e abriu novas fronteiras dentro do país.

É bom lembrar que o Brasil não se conhecia, porque não existiam estradas. A única estrada asfaltada interestadual ligava o Rio a São Paulo. Juscelino inaugurou, em 1958, o asfalto para Belo Horizonte, que depois seria estendido até Brasília. Abriu a Belém-Brasília, que Jânio Quadros chamou de estrada das onças, e integrou o norte ao território nacional.

JK inaugurou Brasília no dia 21 de abril de 1960 e cumpriu todas as suas metas. A oposição não lhe perdoou o sucesso. Jânio Quadros, da UDN, foi eleito seu sucessor. O jornal *Estado de Minas* acertou na sua edição de quarta-feira, 1 de fevereiro de 1956. Lá está dito: "numa solenidade que, pela sua importância, marcará época na vida política do país, tomarão posse, ontem, os Srs. Juscelino Kubitschek e João Goulart, nos cargos, respectivamente, de presidente e vice-presidente da República. O Palácio Tiradentes, onde se reúne o Congresso, apresentava aspecto festivo, com mesas e tribunas ornamentadas de orquídeas e antúrios." Richard Nixon, então vice-presidente dos Estados Unidos, esteve presente à solenidade.

As diferenças entre Fernando Henrique e Juscelino têm origem na própria história política do país. Hoje, as empresas de consultoria apostam no sucesso de FHC, que governa sem oposição. Contra ele não há nenhum Carlos Lacerda. Aprova o que quer no Congresso. Pouco mais de um ano depois de empossado no cargo, suas obras têm caráter político, são as reformas constitucionais. Mas o sorriso, o otimismo e a mania de viajar são semelhantes. Se as coincidências ultrapassarem o aspecto puramente visual, o Brasil, sem dúvida, vai dar um pulo ainda neste final de século.